

# O ENTHUSIASTA

JORNAL PARA O POVO

ASSIGNATURA  
Guimarães, anno . . . . . 500  
Com estampilha . . . . . 600

Orgão do Grupo dos Enthusiastas  
Publicação semanal

ANNUNCIOS  
Por linha . . . . . 10  
Para artistas . . . . . Gratis

Guimarães, 18 de setembro

## CONTRADIÇÕES

III

Vimos que o «17 de Julho» nos afirma que a autonomia era o triumpho completo, uma obra acabada, perfeita.

Ora, o que é completo, perfeito, o que *satisfaz os mais ambiciosos*, de certo que realisa os *ideaes*.

Todavia o «17 de Julho», vendo que a «Provincia», o «Commercio Portuguez» e outros affirmaram e demonstraram a necessidade da suppressão de districtos; conhecendo bem as aspirações legitimas e geraes d'este concelho: veio declarar-nos que a suppressão de districtos seria conveniente, para uma realisação mais ou menos proxima, como ideal.

Mas, é claro que, se a autonomia era triumpho completo, se era obra acabada, se não deviamos pensar mais em união ao Porto, e na propaganda de suppressão do districto de Braga, porque seria a propaganda do odio, esse ideal, é falso, a suppressão do districto é inconveniente. Nestas condições, o concelho de Guimarães, a propria Sociedade Martins Sarmento, de que são directores dous collaboradores do «17», não tem feito senão *asneiras* (!) com as suas assembleias geraes, os seus comicios, as suas representações.

Felizmente a Sociedade Martins Sarmento não é propriedade dos dous illustres collaboradores, nem *se converteu*, nem deve converter em instrumento de velleidades politicas.

Tem os seus fins patrioticos bem expressos, e todos os seus actos têm dado a prova de que a sociedade, o conjunto dos seus socios, apenas se preoccupa com a realisação d'aquelles fins. Felizmente as associações Commercial e Artistica seguem, como têm seguido até hoje, a sua rota patriótica, curando mui pouco de saber-se o «17 de Julho» quer ou não quer que essas duas benemeritas corporações, que tanto valor deram á questão vimaranense na sua segunda phase do seu maior auge, continuem requerendo a suppressão do districto de Braga.

Mas vejamos mais, que a analyse d'esta parte das «contradições» tem graça a valer!

O «17 de Julho» chegou pois a con-

cordar que não será peor, antes mais favorecerá os nossos interesses, a organização de governo de provincias, extinguindo-se os districtos, e portanto o de Braga. Põe por unica condição que isto constitua um ideal, para realisação mais ou menos proxima, e, visto que é ideal, que nos callemos, que entoemos um hymno de victoria pela autonomia.

Se é um ideal, cuja realisação se concebe, não deveria aconselhar-se a cessação da propaganda contra a existencia do districto. Porque não atingimos em breve tempo um certo grão de perfeição, em qualquer relação da vida social, ha por ventura quem aconselhe que esperemos quietos, callados, inertes, na mansidão d'um quietismo indiano, porque se realise a evolução? Não devemos, pelo contrario, empregar todo o exorço da nossa actividade para que a evolução se apresse?

E' claro que devemos continuar na propaganda contra o districto, visto que é realisavel a sua suppressão; é claro que, se a suppressão nos favorece, não devemos estar satisfeitos com a autonomia, porque não é — obra acabada e perfeita.

Mas é ou não a autonomia obra *acabada e perfeita*?

O «17 de Julho» o disse; depois apontou-nos á suppressão de districtos como ideal; mas vejamos no n.º 4 como torna a afirmar a conveniencia da conservação do districto:

«Sendo isto assim, pelo que toca ás duas primeiras especies de conflictos, o velho grito «união ao Porto», assim como a idéa da suppressão do districto, perfeitamente legitimas nas horas amargas da campanha, são hoje, depois do novo decreto, *incomprehensíveis e injustificáveis*» (11)

Se é *incomprehensível e injustificável* continuar pedindo a suppressão do districto, é porque a autonomia é *obra tão perfeita*, que aquelle pedido é um erro, é inconveniente. E' verdade que o articulista torna a dizer que não regeita a organização do governo de provincia, do qual provirão vantagens, mui apreciáveis, algumas até que poucos prevem; mas se é assim, *comprehe-se e justifica-se* que continuemos com a propaganda, que é do nosso interesse, e então por que nos afirma que essa propaganda é *injustificável*?!

D'aqui, que concluir?

Podé por ventura dizer-se que o habil articulista cahio inconscientemente em tão notaveis contradicções? Não: logo, o que o «17» pretendeu foi illudir-nos, foi conseguir que cessasse a propaganda de suppressão de districtos, porque *agora prejudica a sua missão partidaria*.

Isto é d'uma evidencia ineluctavel.

Em que nos pese, teremos sempre de desconfiar da sinceridade das suas affirmações.

Mas o «17 de Julho», se estivesse realmente em boa disposição de favorecer os interesses de Guimarães, fosse qual fosse a conveniencia propria, nos dissesse: agora, que conquistamos com a vehemencia do nosso exorço, não só a desaffronta da nossa dignidade ultrajada, mas um meio eficaz de conseguir o triumpho completo da causa vimaranense, em harmonia com os interesses geraes do paiz, socegemos, acalmemos, mas conservemo-nos vigilantes e armados continuando pacificamente a nossa campanha patriótica—, comprehendia-se, applaudia-se, não nasceria essa divergencia de apreciações, e enfilear-nos-hiamos sob uma bandeira commum.

Como porem o «17» se afastou inteiramente de nós, das affirmações do «28 de Novembro», das deliberações das corporações e dos comicios, isto é, como se collecou em opposição ao sentimento geral do concelho, necessariamente nos haviamos de desaffrontar, porque de modo algum, por consideração alguma, nem agora, nem de futuro, com este, ou com *qualquer outro governo*, deixaremos d'occupar o *posto*, a que o nosso patriotismo desinteressado nos arrastou.

Soffriremos *decepções*, como nos lembra o «17»?

E' possivel; quem sabe?, já talvez soffressemos algumas; mas as *decepções* não nos obrigarão, como nunca obrigaram, a callar o que sentimos, sobre tudo quando a franqueza concorre para um beneficio publico.

O «17» é que se previne contra as *decepções*? Receia das causas e dos homens? E' por isso que tentou convencer o concelho das excellencias da autonomia, esbatendo para o fundo do seu quadro o pensamento da suppressão do districto?

Faz bem; a epocha é d'utilitarismo; mas como não é um positivismo corrosivo

vo dos melhores sentimentos o que nos provocou enthusiasmo patriótico, iremos vivendo da esperança de melhores dias, em que as pequenas ambições se abatem perante a magestade das grandes causas.

EXCAVAÇÕES

«Amigos, amigos, negocios á parte».

I	II
—Amigos, amigos, Dae-me a vossa mão, Livrae-me dos p'rigos Da minha eleição,	—Um abraço, homem, Qua estás deputado! —Venha de lá elle, E muito apertado!
Que, se eu chego a ser Senhor deputado, E' contar commigo Sempre a vosso lado.	—Amigos, amigos, Meus bons eleitores, Não sei como pague Tamanhos favores.
Amigos, amigos, Trabalhae por mim, Que eu despacharei Todo o galopim.	Tivesse eu agora Uma cousa boa!... Mas, oh! fiquem certos Que lá em Lisboa...
Aqui tendes listas, Correi a passal-as, E á noite vireis Dançar n'estas salas.	III
Amigos, amigos, Oh! que reinação, Se eu chego a vencer A minha eleição!	—Senhor deputado, Que me não responde, Onde está o ministro, Que tanto se esconde?
Trareis as guitarras E mais as violas, E pobres á porta Para eu dar esmolas.	—Sou eu; que me queres? Vamos... despachal! —Desejo empregar-me, Ninguem me despacha;
Amigos, amigos, Eu quero ser grato, Mas não me deixeis Só em candidato.	Procuro os amigos, Uns não me conhecem, Outros não se lembram, De tudo se esquecem;
Se mais me elevardes, Eu me abaixarei; Com todos ás costas Eu carregarei.	Mas agora, amigo, Que pude encontrar-te... —Amigos, amigos! Negocios á parte.

13 de Março de 1869

F. C.

Dous amigos de Peniche

Sob esta epigraphie, diz o «Jornal da Manhã»:

«Não menos de dous progressistas pretendem representar Peniche no parlamento. Um d'elles é o capitão Machado, de quem as «Novidades» parecem sêr o paladino; o outro é um professor do liceu de Lisboa, o snr. Pedro Monteiro, que vae fazendo a sua apologia no «Diario de Noticias». Ambos se dizem amigos extremosos... de Peniche.

O governo é que se hade vêr grego com estes amigos.»

Persuadimo-nos que o collega não tem informações muito exactas, pois, se-

gundo conta o «17 de Julho» o snr. capitão Machado teve uma carta toda laudatoria dos habitantes de Peniche, entre os quaes figurava um irmão do dito snr. Pedro Monteiro, professor do lyceu de Lisboa: esta circumstancia é notada em separado pelo «17», e nós separadamente a notamos para lembrarmos ao «Jornal da Manhã», que a candidatura do snr. capitão Machado por Peniche deve ser indisputavel, o que nós sinceramente lhe desejamos.

E desejamos-lh'o pelo mesmo motivo porque elle igualmente desejava, como sempre o declarou, ver o dr. Franco reeleito por Guimarães. Esse motivo é o da gratidão de que qualquer circulo se torna devedor ao seu representante.

Peniche quer ser grato ao snr. capitão Machado e isso lhe louvamos.

O «Bijou» atira-se a nós como um damnado. Está furioso, o dêmo do petiz! Vá para banhos, collega, a vêr se lhe passa a furia; vá até á Povoá, Leça, Foz...e, se quizer ir a outra parte, vá tambem, amigo, que nós deixamos.

Dissemos.

Uma dama é cortejada por um sujeito, grande felicidade em questões amorosas.

—Prometta-me ao menos que casa commigo— diz ella.

—Mas, minha senhora, é impossivel: sou casado...

—Idiotal replica ella, fugindo, eu só lhe pedi que promettesse.

PERFIS

Deixou Guimarães creança ainda, e passados breves annos regressou á patria homem feito, altamente sympathico, alegre e vivaz como d'antes, amigo e dedicado como sempre.

Quando tornei a vel-o, quedei-me a contemplar a sua barba loira, que me fazia lembrar a d'un napolitano, os seus olhos azues, o sorrir franco, os modos ligeiros, e disse de mim para mim:—eis novamente nosso quem sempre nosso deveria ter sido, e isto pela simplicissima rasão das muitas relações que contrahiu no Porto, as quas poderiam ter-nos roubado parte dos seus affectos; mas não; elle é nosso e todo nosso; por Guimarães um verdadeiro entusiasta, para com os seus concidadãos um verdadeiro patriocio.

A folhas tantas, lembrou-se de apresentar-se-nos com cara nova e... zãs! barbas em terra, aparece-nos ostentando um soberbo bigode que afaga com o maximo carinho.

Eis os traços principaes do seu perfil, se é que se pode perfilar quem anda sempre perfilado, á excepção das occasiões em que sobre a sua cabeça peza qualquer trovoada, ou o corpo se lhe aperta n'um fato demasiadamente justo, porque elle embirra, e com carradas de ra-

zão, com os justos e as justas exageradas; verbi-gratia: (aqui não se responde amen) as casacas e os casacões; as botas e os... meninos de côro.

Uma vez fui eu dar com elle immovel, com os olhos fitos n'um ponto determinado, abstracto, embebido n'um unico pensar; aproximei-me e pude ouvil-o dizer: *Sete belas, trez psiuis, quatro plins, trez leeadas...* não ha que ver, é bom de lei.

Não pude deixar de sorrir quando conheci que se tractava d'um pintasilgo, e fiquei sabendo que elle é doido pelos passaros... que cantam bem; e tem razão; um bom musico, ainda que amador como elle o é, não pode deixar de amar os trinadoes, mórmente quando habilitado a imital-os com dedilhar nervoso, nas cordas d'uma guitarra.

Queriam mais?

Nitrato

Bébé estuda historia sagrada.

—O mamã, porque é que Jesus quando resuscitou, appareceu logo ás mulheres?

—E' porque queria que a noticia fosse espalhada logo.

A snr.<sup>a</sup> Lucia Gentil não accitou o nosso conselho. Prefere dizer duas amabilidades rançosas ás meninas, a ensinar-lhes como se pega no abanador ou como se fritam dois ovos.

Ora espere a snr.<sup>a</sup> Lucia que os annos lhe pezem deveras no lombo; espere que os pés lhe peçam botija e o nariz rapé vinagrinho... e verá como então se ha de rir da bella figura que fazia quando, por exemplo, comparava as meninas da sua predilecção aos colmos dos generios!

Dissemos.

UMA DUVIDA

Do nosso presado collega a «Religião e Patria» transcrevemos o seguinte:

O art.º 125 do novoCodigo Administrativo diz:

«As camaras municipaes dos concelhos de 1.ª ordem aos quaes se applicar a organisação especial determinada na secção 2.ª cap.º 1.º tit.º 4.º deliberaram definitivamente:

2.º sobre todos os assumptos comprehendidos nas disposições do art.º 117 e seus numeros, com excepção do n.º 18, no art.º 118 com excepção, etc.»

Ora, entre os taes numeros do art. 117, sobre cujos assumptos as camaras dos concelhos autonomos, conforme o disposto no citado art. 125, deliberam definitivamente, está o n.º 7, do qual consta que ellas têm competencia para deliberar «sobre construção, reparação e conservação das estradas municipaes, observadas as formalidades do n.º 7 do art.º 54 e as disposições das leis especiaes».

Até aqui, muito bem. Vejamos porem agora quaes são as taes formalidades do n.º 7 do art.º 54. Diz elle que «a Junta Geral delibera definitivamente sobre a inspecção da viação municipal, approvando, ouvida a direcção das obras publicas, os planos e projectos das estradas; designando as obras que têm de ser feitas annualmente nas de 1.ª classe, e fixando as quotas com que os concelhos

«devem concorrer para as de interesse commum, tudo na conformidade das leis e regulamentos especiaes».

Agora declaramos que não percebemos nada. Pois, como é isto? Os concelhos *autonomos* já não são *autonomos*? As camaras d'estes concelhos deliberam definitivamente sobre a construcção, reparação e conservação das estradas municipaes, e é a Junta Geral, á qual ellas não mandam procuradores, que têm a inspecção sobre a sua viação municipal, que approva os planos e projectos das estradas, que designa as obras que tem de ser feitas annualmente, etc.?!

Dar-se-ha caso que os concelhos *autonomos* fiquem, no ramo da viação municipal, sujeitos á tutela da Junta Geral, isto é, fiquem tutelados pelos não *autonomos*?

Teremos d'assistir ao edificante espectáculo de ver a Junta Geral do districto de Braga, por exemplo, da qual nos prometteram completa isenção, ingerir-se directamente nos planos e projectos das nossas estradas, e designar as obras que n'ellas devemos fazer?!

Da approximação d'aquellas diferentes disposições do novo codigo administrativo parece-nos resaltar isso com clareza.

Mas, se não é assim e se devemos attribuir este escuro caso á pequena agudeza da nossa limitada intelligencia, deve-se pelo menos permitir-nos a liberdade d'expor a nossa duvida, e pedir aos entendidos que nol-a resolvam.

Não é ella de tão pequena monta que não deva merecer um pouco d'atencção, principalmente por parte d'aquelles que, no caso especial do conflicto bracara-vimaranense, apregoam por ali a autonomia como a solução mais completa do mesmo conflicto.

Nós, assim como o collega, desejamos que os entendidos fallem.

—O papá ainda cresce, mamã?

—Não, tolinho; porque?

—Porque a cabeça está-lhe a sahir pelo cabello fóra

O papá era calvo.

Diz o snr. A., no «Bijou», dirigindo-se á sua *Laura*:

Amo-te muito! Nos febris anceios d'esta affeição, que subjuga a dôr, tu és a *Laura*—meus gentis enleios, eu sou *Petrarcha*—teu vivaz cantor!

Acredite:— o snr. A., para *Petrarcha*, está muito verde. Estudando, é possível que venha a dar, não um *Petrarcha*, mas um *Camões*. . . cequinho d'ambos os olhos.

Fructos e beijos . . . furtados.

Noticiou o «17» que o snr. Mariano de Carvalho, ministro da fazenda, prometteu que brevemente determinará que a contribuição industrial seja cobrada em quatro prestações, como está determinado para a cobrança da predial.

Segundo o «17», *esta terra deve isto* aos bons esforços do snr. capitão Machado. Não duvidamos que o ministro da fazenda se inspire no snr. capitão Machado e que, por causa de nós, lucre o mundo inteiro: só notamos que o «17» se lembre agora tanto do snr. Machado, e o mesmo não succedesse quando elle estava entre nós.

O snr. C. Guimarães—que tem escapado, não sabemos por que artes, á *bola* municipal—atira-se-nos ás cannelas com uma sanha inaudita. Seja tudo em desconto dos nossos peccados! . . .

Oiga agora o «Imparcial»: o collega publicou as babuseiras do tal Guimarães com o cheiro em que elle pague, ou abre uma excepção em favor d'elle, não lhe mandando a conta?

Na Assembléa:

O *Regedor* ouve fallar a respeito de catastrophes em caminhos de ferro. O nosso amigo F. M. engenheiro, diz que ordinariamente o ultimo *wagon* é sempre o esmagado nos desastres dos tuncis.

—Oh! mas então ha meio facil de evitar esses desastres, diz o *Regedor*, illuminado subitamente por uma idéa.

—Qual é?

—E' supprimir o ultimo *wagon* em todos os *comboyos*.

EXPLICAÇÕES

O nosso patricio, o snr. Domingos Leite de Castro, tendo suspenso a sua defeza d'autonomia no «17 de Julho», publica a historia da *comissão de vigilancia*, e parece que vae explicar as contradicções do seu partido.

Não lhe perturbaremos, com interrupções intempestivas, a serie do seu novo estudo. Depois diremos o que tambem sabemos.

—Para que te casaste com uma mulher tao pequena?

—Do mal o menos, meu caro.

O «Bijou» deseja vêr posto fóra da nossa porta, a cabo de vassoura, o *critico camondongo que está roendo as sympathias que gosa o grupo dos Enthusiastas*.

Faça favor de dizer-nos o collega: quer que o homem seja corrido a cabo de vassoura das grandes ou das pequenas? das de piassaba ou das de giesta? Precisamos saber.

SIM?

Diz-se que o governo proporá como candidato governamental por este circulo, em opposição ao nosso estimavel e aguerrido campeão, dr. João Franco Castello Branco, o snr. Capitão Machado.

Não acreditamos. Se o proprio snr. Machado, elogiando o caracter vimaranense, approvava as manifestações de apreço e gratidão ao nosso deputado; se nunca deixou de reconhecer que o *enthusiasmo franquista* é uma das provas da nobreza de caracter vimaranense: como poderá s. exc.<sup>a</sup> acceitar a sua candidatura por este circulo?

Comprehendemos que s. exc.<sup>a</sup> queira demonstrar a Guimarães a sua gratidão pelo modo por que aqui foi tractado, sem distincção de classes ou de partidos, por todos os vimaranenses, e talvez com mais

distincção pelos que não tinham affeições partidarias; mas que deseje, ou preste o seu nome, para que o povo de Guimarães faça *duas caras*, isso não acreditamos. Entendemos que quem de tal se lembrar deseje que s. exc.<sup>a</sup> perca meio por meio nas considerações vimaranenses.

O «Bijou» diz:

« . . . . . por roccarmos que n'essas phrases hajam palavras . . . . . »

Lá por casa do «Bijou» não hão grammaticas?

PAU DE DOIS BICOS

Em o numero 12 do «17 de Julho» vem publicada a representação que os negociantes e fabricantes de ouro vão dirigir ao governo para ser creada n'esta cidade uma repartição de contrastaria, segundo a recente reforma d'aquelle ramo de serviço.

A representação vem precedida de umas palavras todas carinhosas e promettedoras de um apoio completo, o qual pedido elles mais uma vez declaram *justissimo e a todos os respeitois digno de ser attendido*.

Até aqui muito bem.

Mas agora uma pergunta, uma d'estas perguntas innocentes como as que actualmente estão em voga:—o *sexteto*, no «17», pensa d'um modo e em correspondencias para os jornaes de fóra tem o direito de pensar d'outro? . . .

E' que nós encontramos o seguinte n'uma correspondencia para o «Commercio do Porto», e toda a gente sabe que o correspondente d'esta cidade para aquelle jornal é uma das *partes activas do centro sexteto*:

A classe de ourivesaria d' este concelho acaba de enviar ao governo uma representação, pedindo a creação n'esta cidade de uma repartição de contrastaria, conforme permite a carta de lei de 27 de julho de 1882. Esta representação foi assignada tambem pelos ourives da Povoia de Lanhoso, Fafe e Cabeceiras de Basto.

A ourivesaria de Guimarães, tão florescente em éras remotas, acha-se hoje em consideravel decadencia, que data dos ultimos 50 annos; ainda assim, a exposição industrial de 1884 mostrou que, apesar de faltarem aos nossos artistas muitas das condições indispensaveis para attingirem a fórma e perfeição dos modernos artefactos, tinha esta arte ainda a vitalidade snfficiente, conforme o affirma o illustrado organisador da exposição, para poder voltar á antiga grandeza.

O estabelecimento da escola industrial contribuirá muito principalmente para o remocar da ourivesaria vimaranense, e tanto o comprehenderam os ourives, que á esta classe a que tem fornecido relativamente maior numero de alumnos á escola.

Segundo os dados colhidos pelo snr. dr. Alberto Sampaio, a que já acima nos referimos, em 1884 occupava a ourivesaria d' este concelho 25 artistas e produzia annualmente artefactos no valor de 325000. Será esta produção a sufficiente para que possa dizer-se que o movimento do fabrico e commercio exige a creação da contrastaria requerida por esta classe? E' o que as estacções competentes hão de resolver e crêmos que em harmonia com os desejos manifestados pelos nossos ourives.

A isto chama-se — *sangrar em saúde*, isto é, prevenir ataques apopleticos, congestões cerebraes, e muitas outras molestias nocivas à saúde, inclusivè hemorrhoidas.

Nós simplesmente notaremos ao correspondente do «Commercio» que o seu palavriado para menospresar a requisição de uma contrastaria em Guimarães estriba-se falsamente no relatorio da exposição industrial de Guimarães, segundo os dados collidos pelo snr. dr. Alberto Sampaio.

A estatistica do snr. dr. Alberto Sampaio refere-se unicamente á industria concelhia, enquanto que a representação é assignada pelos industriaes de Guimarães da Povoá de Lanhoso, Fafe e Cabeceiras de Basto, como o mesmo correspondente declara.

No relatorio da exposição veem notados vinte e cinco artistas, e subscrevem a representação cento e vinte.

(Vide o «17 de Julho», numero 12.)

E' evidente o jogo.

Directamente muito palavriado, muita promessa barata; indirectamente risinhos manhosos, insinuações perfidas.

Jogar com pau de dois bicos, nem mais nem menos.

Ora, o que nos admira não é que elles procedam assim, mas que haja ainda ingenuos que creiam na sinceridade das suas palavras.

Nós preferimos, mil vezes, estar sob as mãos escamoteado as do snr. Marianno de Carvalho, do que sujeitos á influencia intriguista do *sexteto*.

#### ERRATA

No artigo do passado numero, intitulado—*perfis*— onde se le—*provocto tino*—leia-se—*provado tino*.

#### AS PESSOAS QUEBRADAS

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto antiphelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplasto tem sido applicado em 35:540 pessoas e ainda não falhou—Preço 1\$500 reis.

#### BALSAMO SEDATIVO DE RASPAIL

Remedio para a cura completa do rheumatismo nervoso gottoso, articular, dôres de cabeça, pontadas, contusões e amollecimento da espinha dorsal. Frouxidão de nervos, fraqueza de musculos, golpes e toda a qualidade de dôr ou inflamação: usa-se externamente com fricções.

Preço do frasco 1:200 reis.

#### INJECCÃO GUEINP

E' esta a unica injeccão, que, sem damno, cura em trez dias as purgações ainda as mais rebeldes.

Preço do frasco 1\$800 reis.

#### MOLESTIA DE PELLE

Pomada Styracia, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle, as empigens, nodoas, borbulhas, comichão, dartros, herpes, lepra, panno, sardas, etc. etc.

Preço da caixa 600 reis.

#### ABELHA

(Abecedario com mais de dusetos de nhos de letras e debuxos para bordar)

PREÇO 1:000 reis

Remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia a

Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cego, n.º 15, á Praça das Flores.

LISBOA

## CLINICA DE CREANÇAS

SOUZA CHRISTINO  
MEDICO MILITAR

16—RUA NOVA DO COMMERCIO—16

Consultas nos dias uteis, das 8 ás 10 da manhã.

## PHOTOGRAPHIA E PINTURA

### GUIMARÃES

63—RUA DE SANTA MARIA—63

Neste antigo e acreditado estabelecimento continua-se a tirar retratos pelos ultimos e mais aperfeiçoados processos, desde a miniatura até ao tamanho natural, todos os dias, seja qual for o tempo, e ás horas proprias d'estes trabalhos: sendo os seus preços relativamente baratos.

RETRATOS A OLEO E A CRAYON

## PHOTOGRAPHIA UNIVERSAL

FRANCISCO GOMES MARQUES

Neste novo atelier, recentemente aberto ao respeitavel publico d'esta cidade, opera-se pelo novo processo rapido ao gelatino bromuro, para o qual tem aparelhos verdadeiramente proprios e modernos. Tambem se faz impressão de retratos pelo processo inalteravel a carvão e a saes de prata, garantindo-se a mesma perfeição e nitidez como se fossem tirados no Porto. Tambem se tiram grupos tanto dentro do atelier como ao ar livre para o qual tem quintal proprio para tal fim. Opera-se com todo o tempo, desde as 8 horas ás 5 da tarde. Os retratos não serão pagos não estando á vontade do freguez.

96—RUA DE CAMÕES—96

GUIMARÃES